



GT 61. Novas Epistemologias E Perspectivas No/Do Fazer Antropológico

Coordenador(es):

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Angela Maria de Souza (UNILA)

Sessão 1 - Conhecimento em movimento, Corpo Negro e "Afroestratégias" na elaboração Antropológica.

Debatedor/a: Alexandra Eliza Vieira Alencar (UFSC)

Sessão 2 - Quem fala? Quem escreve? Os deslocamentos na produção de conhecimento.

Debatedor/a: Joziléia Daniza Jago Inacio Jacodsen Schild (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Confluências no fazer antropológico.

Debatedor/a: Maíra Samara de Lima Freire (UEPB - Universidade Estadual da Paraíba)

“Nós somos os outros, você é a menina preta do nordeste, e eu, o indígena do norte”. Visamos reunir neste espaço, estudos que abordem propostas de pesquisadores(as) que se deslocam deste lugar do outro e constroem uma narrativa de subjetividade implicada com epistemologias antropológicas, na construção das ciências humanas, a partir da perspectiva de sujeitos que existem em diferentes contextos que outrora foram locais centrais para a reflexão sobre alteridade. Hoje, estes contextos passam a ser locus participativo num processo de transformação social ocorrido na última década (Munanga, 2016; Gomes; 2012; Benites, 2018). Partindo da ideia de que os sujeitos que agora constroem suas propostas teóricas são pessoas que experienciaram seus cotidianos de vida nos contextos historicamente conhecidos como locais de “trabalho de campo” da antropologia brasileira. Visamos expandir o debate a partir das reflexões propostas por estes pesquisadores, partindo de suas produções, vivências e experiências em reflexões antropológicas. Objetivamos assim, construir espaços que fomentem o debate sobre novas epistemologias no fazer antropológico, como forma de expansão de suas lutas produções de conhecimentos e reivindicações por direitos, localizadas no campo acadêmico. A proposta é ampliar e aprofundar o debate sobre as produções e os intelectuais, traçando paralelos, num ponto de intersecção cruzado de pensar novas e outras perspectivas de ser intelectual na antropologia brasileira.

A gestão de si no fazer antropológico: refletindo os desafios de fazer pesquisa em um campo perigoso

Autoria: Antonio Leonardo Lopes e Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Partindo do work de campo desempenhado no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, busco refletir os desafios que a pesquisa colocou em meu caminho. Ao debruçar-se sobre o campo da prostituição e envolver-se afetivamente com as histórias e relatos pessoais de quem usa o corpo como garantia de vida, expondo-se aos mais variados riscos que a rua oferece, em termos de violência e conjugado da circulação de poder, tende-se a acreditar que é quase impossível fazer antropologia nesses espaços, em detrimento dos perigos e riscos que tal campo impõe ao ofício. Como continuação de uma pesquisa realizada em outro bairro da cidade, a Cinelândia, foi possível observar a estruturação de um ?circuito do prazer?, cujo mote seria o de prover entretenimento de forma variada à população e atores sociais que ali frequentam, mas sempre com o foco no prazer envolvido pelos indivíduos, em termos de socialidade e interação. Agindo com locus de análise sobre a



prostituição michê (ou masculina), expandi o campo de atuação até a Lapa. Se a performance envolvida nos ritos de sedução e negociação com os clientes faz parte do jogo da prostituição, no caso dos michês e das travestis, as relações de gênero e poder se intensificam e se complexificam. Valendo-me da ?observação participante? como estratégia primeira para identificar os atores políticos no campo, tive por interlocutor primário um ex-michê da Cinelândia que ascendeu socialmente graças às regras políticas impostas em um território na Lapa que denominei como ?território do prazer?. Tal território-rede de cunho político é administrado por um policial militar que foi posto para gerenciar e administrar não apenas os ganhos financeiros, mas de coordenar ações e estabelecer contratos e parcerias locais tanto com o Tráfico, quanto com a Milícia. Esse viria a ser o momento mais complicado e perigoso do work de campo, pois tive de estabelecer contratos e regras foram estabelecidas a mim por esse policial, que se tornou o interlocutor secundário na pesquisa. A partir do exposto, visio construir uma narrativa sobre o que entendo por ?gestão de si? em contextos e situações de perigo à que o(a) pesquisador(a) são submetidos durante sua inserção e ofício no work de campo. No ponto de vista epistemológico, a ação pessoal no campo em tela foi importante para a definição do quadro de análise, uma vez que se espera que o centro de uma cidade tenha marcas da modernidade, isto é, seja pelo sentimento cosmopolita, pela atitude blasé e pela impessoalidade. Dessa forma, pretendo contribuir ao meio acadêmico-científico com a minha inserção no campo e as estratégias adotadas para estabelecer contratos com atores estatais e não-estatais, em consoante acordo com as relações de poder e formas outras de observação.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: